

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS-INGLÊS**

**FRANCIANE PEREIRA  
MARLEI CASTRO TONDO**

**CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA EM  
*PONCIÁ VICÊNCIO***

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**NOVEMBRO  
2014**

**FRANCIANE PEREIRA  
MARLEI CASTRO TONDO**

**CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA EM  
*PONCIÁ VICÊNCIO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Português-Inglês.

Orientadora: Profa. Ma. Rosangela Aparecida Marquezi

**PATO BRANCO  
2014**



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Câmpus Pato Branco  
Departamento Acadêmico de Letras  
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



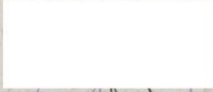
**DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS**


**FOLHA DE APROVAÇÃO**

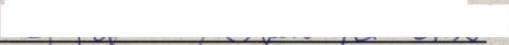
Autor(a): **Franciane Pereira; Marlei Castro Tondo.**


Título: **Características da literatura afro-brasileira em *Ponciá Vicêncio*.**


Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em 11/12/2014  
com NOTA 10,0 ( Dez ) pela comissão julgadora:


  
**Prof.ª Ma. Rosangela Aparecida Marquenzi – UTFPR Pato Branco**  
Orientador(a) e Presidente da Banca

  
**Prof. Dr. Marcos Hidemi de Lima – UTFPR Pato Branco**  
Coorientador e Membro da Banca Examinadora

  
**Prof.ª Ma. Márcia Oberderfer Consoli – UTFPR Pato Branco**  
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO: 

  
**Prof. Dr. Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier**  
Coordenador do Curso de Letras Português/Inglês

  
**Prof.ª M.ª Rosangela Aparecida Marquenzi**  
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso  
Portaria n.º 023, de 11.02.2014

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pois o que seria de nós sem a fé que temos Nele.

Aos nossos pais, nossos filhos e a toda nossa família que, com muito carinho e Apoio, não mediram esforços para que chegássemos até esta etapa de nossas vidas.

À professora Rosangela Aparecida Marquezi, pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão deste trabalho.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes em nossa trajetória acadêmica.

Aos amigos e colegas, pelo incentivo e pelo apoio constantes.

*O amanhã de Ponciá era feito de esquecimento. Em tempos outros, havia sonhado tanto! Quando mais nova, sonhara até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir à beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o próprio nome: Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio!*

(EVARISTO, 2003, p. 19).

## RESUMO

PEREIRA, Franciane. TONDO, Marlei C. **Características da literatura afro-brasileira em *Ponciá Vicêncio***. 50 f. Trabalho de conclusão de curso (Curso de Graduação em Letras Português-Inglês) Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2014.

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo analisar o romance *Ponciá Vicêncio* (2003) de Conceição Evaristo, a partir das características atribuídas a literatura afro-brasileira, por Eduardo de Assis Duarte (2011). Dentro dessa perspectiva, a análise da temática, da autoria, do ponto de vista, da linguagem e do público leitor enfatiza o conceito de literatura afro-brasileira como um campo distinto da produção literária brasileira. A pesquisa bibliográfica baseou-se nos escritos teóricos desenvolvidos por Bernd (1988), sobre uma literatura negra que emerge como uma forma privilegiada de autoconhecimento e reconstrução de uma imagem positiva do negro, no conceito e teoria de identidade e diferença de Woodward (2007), sobre a constituição da identidade por Hall (2011) e sobre a análise da trajetória do negro na constituição da literatura no Brasil, de Proença filho (2004). Esta pesquisa evidencia a importância da obra de Conceição Evaristo na construção do conceito de literatura afro-brasileira. Dessa forma, essa análise que determina o pertencimento da obra de Conceição Evaristo a uma literatura própria, reafirma a herança cultural africana que durante séculos foi marginalizada.

**Palavras-chave:** *Ponciá Vicêncio*. Conceição Evaristo. Literatura afro-brasileira.

## ABSTRACT

PEREIRA, Franciane. TONDO, Marlei C. Characteristics of african-Brazilian literature in *Ponciá Vivência*. 50 f. Trabalho de conclusão de curso (Curso de Graduação em Letras Português-Inglês) Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2014.

This study aims to analyse the novel *Ponciá Vivência* by Conceição Evaristo (2003), as from the perspective given to the afro-brazilian literature by Eduardo de Assis Duarte. Within the study of theme, the author, the point of view, the language and public, it is clearly emphasized the concept of the literature described by Duarte (2001), as a distinct literary field from the Brazilian literature. The study is based on theory developed by Berndt (1988), on the afro-descendants literature that comes from a reconstruction of a positive self-image of them different from the studies of Woodward (2007) and Hall (2011) and the Brazilian afro-descendants by Proença Filho (2004). This paper calls attention to the importance of Evaristo Conceição's concepts on afro-Brazilian descendants and raises the accuracies on his studies reassuming the African cultural inheritance marginalised during centuries.

**Key-words:** *Ponciá Vivência*. Conceição Evaristo. African-Brazilian Literature.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA</b> .....	<b>11</b>
2.1 REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA ....	13
2.2 CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA .....	17
<b>3 A ESCRITA DE CONCEIÇÃO EVARISTO</b> .....	<b>23</b>
3.1 ASPECTOS BIOGRÁFICOS .....	23
3.2 ASPECTOS LITERÁRIOS.....	24
<b>4 APONTAMENTOS SOBRE O ROMANCE PONCIÁ VICÊNCIO</b> .....	<b>27</b>
4.1 A IDENTIDADE EM <i>PONCIÁ VICÊNCIO</i> .....	28
4.2 O ENREDO .....	30
4.3 ANÁLISE DAS CARACTERÍSTICAS AFRO-BRASILEIRAS.....	34
4.3.1 Temática.....	34
4.3.2 Autoria.....	36
4.3.3 Ponto de Vista .....	38
4.3.4 A Linguagem .....	39
4.3.5 O Público.....	41
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>45</b>
<b>ANEXO A - OBRAS E PRODUÇÕES DE CONCEIÇÃO EVARISTO EM ORDEM CRONOLÓGICA</b> .....	<b>48</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A Lei 10.639/03, que propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana, ressalta a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira. É importante a reflexão sobre a questão da valorização dos negros como sujeitos históricos na construção desta sociedade e, portanto, o reconhecimento do pensamento e das ideias dos intelectuais negros brasileiros.

A literatura afro-brasileira deve ser apresentada aos alunos para garantir uma efetiva ressignificação e valorização cultural das matrizes africanas e os professores têm um papel importante neste processo de luta contra o preconceito e a discriminação racial em nosso país. O reconhecimento dos intelectuais negros na nossa literatura deve despertar em nossos alunos a curiosidade de conhecer as nossas raízes negras, conhecer e reconhecer a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira e trazer para as bibliotecas escolares romances como *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, objeto de análise desta pesquisa, para a efetiva consolidação do proposto na lei.

Este trabalho vem ao encontro dos anseios dos sujeitos efetivamente engajados na luta pelo reconhecimento da literatura afro-brasileira e do reconhecimento de muitos escritores dessa literatura que se identificam e se afirmam como afrodescendentes.

Assim, o presente trabalho pretende analisar o romance *Ponciá Vicêncio* (2003) de Conceição Evaristo a partir das características elencadas por Eduardo de Assis Duarte (2011), em seu artigo *Por um conceito de literatura afro-brasileira*, com o intuito de classificá-lo como pertencente à literatura afro-brasileira. Alertando-se, no entanto, que a literatura afro-brasileira é um conceito em construção, como bem afirma DUARTE (2011, p. 385):

Para além das discussões conceituais, alguns identificadores podem ser destacados: uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepional; mas, sobretudo, um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo.

A literatura afro-brasileira busca ampliar a visibilidade e a reflexão a respeito de escritores e escritoras afrodescendentes de maneira distinta dos nomes tradicionalmente conhecidos da literatura brasileira. A produção literária na contemporaneidade apresenta uma gama muito rica de contribuições de escritores afrodescendentes, como a voz feminina de Conceição Evaristo, autora da obra que será analisada nesta pesquisa, nos seus poemas, contos e romance, nas quais a autora resgata a memória da raça negra.

Muitos escritores e escritoras afrodescendentes tiveram por muito tempo a sua produção literária vinculada à literatura nacional sem, no entanto, o reconhecimento da sua contribuição na formação cultural do povo brasileiro. A literatura afrodescendente ou afro-brasileira surge com a iniciativa de uma minoria consciente de sua condição, que busca caminhos alternativos para atingir seus leitores, com destaque para os *Cadernos Negros*<sup>1</sup>.

Conceição Evaristo tem, nos *Cadernos negros*, o principal veículo de divulgação de seus poemas e contos. Com a publicação do romance *Ponciá Vicêncio*, a autora ganha destaque no meio acadêmico por representar essa nova vertente da literatura afro-brasileira na produção literária nacional. Esta obra tem sido objeto de vários estudos acadêmicos e ganhou destaque internacional.

A partir da discussão sobre o conceito de literatura negra, literatura afro-brasileira e literatura afrodescendente pelos intelectuais acadêmicos, sem um consenso sobre qual denominação é a mais adequada, mais verdadeira, procura-se estabelecer uma relação com o conceito de literatura defendido por Duarte (2011), em que o autor, através de elementos conceituais, defende a nomenclatura de literatura afro-brasileira para classificar as obras de autoria dos descendentes de negros no Brasil.

Para se alcançar o objetivo desta pesquisa, inicialmente, no primeiro capítulo buscou traçar-se algumas considerações das discussões presentes nos meios acadêmicos sobre a construção do conceito de literatura afro-brasileira, proposto principalmente por Duarte (2011) e outros teóricos. Também neste capítulo buscou-se resgatar conceitos de representação e identidade, para o embasamento da discussão proposta para a análise do romance *Ponciá Vicêncio*.

---

<sup>1</sup> O primeiro volume da série *Cadernos Negros* surgiu em 1978 e é um dos mais importantes espaços para publicação da literatura negra. Consiste em uma antologia anual de poemas e contos que reúne produções artísticas dos afro-brasileiros. No portal QUILOMBHOJE de São Paulo.

No segundo capítulo, realizou-se especificamente a análise das características elencadas por Duarte (2011). A temática, que determina o negro como tema principal da literatura negra; a autoria, que remete à reflexão da escrita proveniente de autores afrodescendentes; o ponto de vista, no qual é necessário a visão de mundo identificada à história e à cultura inerente à vida desse importante segmento da população; a linguagem, constituída de uma discursividade específica, marcada pelo uso de expressões de ritmos, significados e vocabulário pertencente às práticas linguísticas de origem africana e, por último, a formação do público leitor afrodescendente, como fator de intencionalidade próprio a essa literatura.

Tendo em vista a análise o romance *Ponciá Vicêncio*, o terceiro capítulo faz uma breve análise dos aspectos biográficos de Conceição Evaristo, sua trajetória de vida pessoal e acadêmica, bem como o levantamento da sua produção literária, marcada por sua condição de mulher negra na sociedade brasileira. Com sua “escrevivência”, termo utilizado pela própria autora para demarcar sua produção textual, “[...] Conceição Evaristo articula seus projetos literário e existencial: a uma longa e persistente militância social, étnica e de gênero agrega-se a atuação acadêmica e a criação poética e narrativa”. (DUARTE, 2011, p. 213).

No quarto capítulo, analisam-se as características elencadas por Duarte (2011) no romance *Ponciá Vicêncio*. A análise busca, na narrativa de Conceição Evaristo, identificar as características e, a partir delas, verificar se o romance em questão pode ser classificado como sendo uma literatura afro-brasileira.

Por fim, apresentam-se as “Considerações Finais” deste trabalho e as “Referências” que serviram de base a todo este estudo que ora se apresenta.

## 2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

O surgimento da literatura afro-brasileira encontra terreno propício no cenário intelectual brasileiro com o reconhecimento da grande contribuição da cultura negra na formação cultural brasileira. Conforme Pereira (1995), a cultura negra se faz presente na produção literária dos afrodescendentes desde o século XVIII, com destaque a autores importantes como Domingos Caldas Barbosa, Manuel Inácio da Silva Alvarenga, Antônio Gonçalves Dias, Joaquim Maria Machado de Assis, José do Patrocínio, João da Cruz e Souza, Afonso Henriques de Lima Barreto, Lino Guedes, Solano Trindade, Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus.

A produção literária na contemporaneidade apresenta uma gama muito rica de contribuições de escritores afrodescendentes, como a voz feminina de Conceição Evaristo com seus poemas, contos e romances, nos quais ela resgata a memória da raça negra.

Segundo Duarte (2011), literatura afro-brasileira é um conceito em construção que deve seguir alguns critérios que a diferenciam da produção literária brasileira, pois é uma literatura específica. Esses critérios, que serão mais adiante explicados, são: a temática, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público leitor.

Duarte (2011) afirma, também, que a literatura afro-brasileira se difere muito da literatura africana devido às suas especificidades, por apresentar critérios que a tornam única, uma vez que esta literatura procura transmitir uma herança cultural que se difere da produção literária africana.

O termo literatura-afro-brasileira ainda é polêmico, uma vez que parte considerável da crítica literária não a reconhece e ainda utiliza outra denominação, a de literatura negra. A crítica gira em torno da divisão utilizada por Brookshaw (1983), que divide os autores em brancos e negros que utilizam a temática negra. Bernd (1988), por sua vez, afirma existir uma literatura negra que se diferencia das obras que apenas tematizam o negro pela apresentação de um “eu enunciador”.

Tendo sua gênese na rebelião, na insurgência contra a situação vigente, a literatura negra configura-se como uma forma privilegiada de autoconhecimento e de reconstrução de uma imagem positiva do negro. Nesta medida, o conceito de literatura negra emerge da própria característica dos signos: a de estarem em um permanente movimento de rotação, onde os

signos que nos exilam podem vir a serem os mesmos que nos constituem na dimensão humana. (BERND, 1988, p. 95).

Segundo Pereira (1995), o debate em torno da expressão literatura afro-brasileira, deve-se a alguns critérios que têm sido empregados para defini-la: o critério étnico, que vincula a obra à origem do autor, e o critério temático, que identifica o conteúdo de procedência afro brasileira como elemento caracterizador desta literatura. Ao se utilizar desses critérios, Pereira (1995) afirma que se impõe uma censura prévia aos autores negros e não negros.

Para Pereira (1995), é preciso buscar um critério pluralista, estabelecido por uma orientação dialética, que possa demonstrar a literatura afro-brasileira como uma das faces da literatura brasileira. Nesse sentido, o autor afirma que a identidade da literatura brasileira está ligada a uma tradição fraturada, marcada pelo processo de colonização.

Os primeiros autores que pensaram e escreveram sobre o Brasil possuíam formação europeia; e mesmo aqueles que se esforçaram por exprimir uma visão de mundo a partir de experiências locais tiveram de fazê-lo na língua herdada do colonizador. Eis o drama intelectual no Novo Mundo! A marca da nossa identidade literária pode estar no reconhecimento desta fratura, que nos coloca no intervalo entre a aproximação e o distanciamento das heranças da colonização. (PEREIRA, 1995, p. 1035).

A partir dessa perspectiva, Pereira (1995) afirma que a literatura afro-brasileira busca reconhecer a importância e a necessidade de se divulgar e debater a identidade étnico-cultural do negro, bem como a própria definição do termo literatura afro-brasileira. As informações biográficas dos autores contribuem para a compreensão do significado das obras e pelo significado no campo de representações e significações que as obras desses autores inauguram.

A definição do termo literatura-afro-brasileira é ponto a ser melhor analisado, além da origem étnica e do conteúdo que não são suficientes para se estabelecer a especificidades da literatura afro-brasileira. Para Pereira (1995), algumas das dúvidas e contradições na análise da obra de autores afrodescendentes são indícios de uma identidade que busca também outros aspectos na forma, na visão de mundo específicas de afro-brasileiros e da interação de uma nova sensibilidade estética e social.

## 2.1 REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

A discussão sobre a questão da identidade e representação é importante e necessária para se compreender os significados envolvidos nesses sistemas, pois é com base em tais significados que se pode inferir o contexto presente na obra *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, e é também com base nesses conceitos que se entenderá as especificidades da literatura afro-brasileira.

Atualmente, as discussões em torno da questão identitária têm ganhado cada vez mais espaço na comunidade acadêmica e na mídia. Segundo Araújo (2007), no que se refere aos estudos culturais e de gênero, essas discussões têm buscado problematizar os conceitos de identidade, sujeito e representação, partindo da perspectiva que se considera a fragmentação, a diversidade, a diferença, a heterogeneidade e as múltiplas fronteiras ligadas a tais conceitos.

Para Woodward (2007), só é possível compreender os significados de identidade e representação, ter alguma ideia sobre quais posições de sujeito eles produzem, e como os sujeitos se posicionam frente a isso.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que estes sistemas simbólicos tornam possível àquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. (WOODWARD, 2007, p. 17).

Nesse sentido, a representação deve ser compreendida como um processo cultural, que estabelece identidades individuais e coletivas. Segundo Woodward (2007, p. 17), os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os sujeitos se posicionam e a partir dos quais podem falar: “Em momentos particulares, as promoções de marketing podem construir novas identidades como, por exemplo, o ‘novo homem’ das décadas 1980 e 1990, identidades das quais podemos nos apropriar e que podemos reconstruir para nosso uso”.

A produção de significados e a produção das identidades posicionadas nos sistemas de representação estão estreitamente vinculadas. Conforme afirma Woodward (2007, p.18), o deslocamento para a identidade é um deslocamento de ênfase, com a mudança do foco da representação para as identidades: “O conceito

que descreve o processo pelo qual nos identificamos com os outros, seja pela ausência de uma consciência da diferença ou da separação, seja como resultado de supostas similaridades tem sua origem na psicanálise”. Essa questão é explorada em toda a obra de Conceição Evaristo, evidenciando a importância que tal diferenciação exerce sobre o indivíduo.

O entendimento das relações de poder também se faz necessário para o entendimento do contexto presente em *Ponciá Vicêncio*. A esse respeito, Woodward (2007, p. 18) afirma:

Pode-se levantar questões sobre o poder da representação e sobre como e por que alguns significados são preferidos relativamente a outros. Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído.

Partindo-se do princípio da representação, que envolve essas relações de poder, os sistemas simbólicos propõem novas formas de se dar sentido às experiências das divisões e das desigualdades sociais e aos meios pelos quais determinados grupos são excluídos e estigmatizados.

A identidade, para Woodward (2007, p. 9), é marcada pela diferença. Nessa mesma perspectiva, Silva (2007) considera a diferença como um produto derivado da identidade. A identidade é o ponto original, no qual se define a diferença. “Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos”. (SILVA, 2007, p. 76).

A identidade e a diferença são resultados de um processo de produção simbólica e discursiva. Conforme afirma Silva (2007), a identidade, assim como a diferença, é uma relação social. Isso significa que a sua definição está sujeita a vetores de força, a relações de poder e são simplesmente impostas.

Não se trata, entretanto, apenas do fato de que a definição da identidade e da diferença seja objeto de disputa entre grupos sociais assimetricamente situados relativamente ao poder. Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. (SILVA 2007, p. 81).

Conforme Silva (2007), onde existe a diferenciação, ou seja, identidade e diferença, existe o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade

e a diferença são produzidas e pela qual as marcas deste poder definem quem será incluído ou excluído e demarcam fronteiras que separam os indivíduos e os classificam.

A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações. As classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade. Isto é, as classes nas quais o mundo social é dividido não são simples agrupamentos simétricos. Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados. (SILVA, 2007, p. 82).

A identidade e a diferença precisam ser representadas, pois estão estreitamente ligadas a sistemas de significação. A identidade é um significado cultural e socialmente atribuído: “A teoria cultural recente expressa essa mesma ideia por meio do conceito de representação. Para a teoria cultural contemporânea, a identidade e a diferença estão estreitamente associadas a sistemas de representação”. (SILVA, 2007, p. 89).

A representação é concebida como um sistema de significação e, na perspectiva pós-estruturalista, incorpora todas as características de indeterminação, ambiguidade e instabilidade atribuídas à linguagem, e como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. “É aqui que a representação se liga à identidade e a diferença. A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação”. (SILVA, 2007, p. 91).

Segundo Hall (2007), é necessário vincular as discussões sobre identidade a todos os processos e práticas que têm perturbado o caráter relativamente estabelecido de muitas populações e culturas. São os processos de globalização que coincidem com a modernidade, processos de migração que tem se tornado um fenômeno global do assim chamado mundo pós-colonial.

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. (HALL, 2007, p. 109).

As concepções de identidade e sujeito sofreram mudanças conceituais na modernidade e pós-modernidade. No mundo moderno, as culturas nacionais se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. “[...] as identidades



nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*.” (HALL, 2011, p. 49, grifos do autor).

Partindo-se desse conceito, pode-se inferir que uma relação de semelhança é possível entre indivíduos de uma mesma nacionalidade, pois:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. (HALL, 2011, p. 51, grifos do autor).

Contudo, Hall (2011) esclarece que se a unificação de um povo pode se dar com base em sua nacionalidade, tal relação se apresenta de forma adversa quando o ponto de semelhança tem como base a raça. Isso se deve,

Em primeiro lugar, porque – contrariamente à crença generalizada – a raça não é uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica. Há diferentes tipos e variedades, mas eles estão tão largamente *dispersos no interior* do que chamamos de “raças” quanto *entre* uma “raça” e outra. A diferença genética – último refúgio das ideologias racistas – não pode ser usada para distinguir um povo de outro. A raça é uma categoria *discursiva* e não uma categoria biológica. (HALL, 2011, p. 63, grifos do autor).

As noções biológicas sobre raça têm sido substituídas por definições culturais, as quais possibilitam que a raça desempenhe um papel importante nos discursos sobre nação e identidade nacional. Segundo Araújo (2007), a discussão da temática sobre a identidade negra tem grande relevância devido a sua importância social e política no mundo contemporâneo e também como elemento problematizador do discurso acadêmico.

Proença Filho (2004), em seus estudos sobre a trajetória do negro na literatura brasileira, evidencia dois posicionamentos. O primeiro, do negro como objeto, numa visão distanciada, que se configura em produções nos quais o negro ou o descendente de negro reconhecido é personagem principal, ou em aspectos ligados onde às vivências do negro se tornam o tema. O segundo posicionamento é o do negro como sujeito, numa atitude compromissada. Dessa maneira, tem-se a literatura *sobre* o negro, de um lado, e a literatura *do* negro, de outro.

O posicionamento engajado só começa a corporificar-se efetivamente a partir de vozes precursoras, nos anos de 1930 e 1940, ganha força a partir

dos anos de 1960 e presença destacada através de grupos de escritores assumidos ostensivamente como negros ou descendentes de negros, nos anos de 1970 e no curso da década de 1980, preocupados com marcar, em suas obras, a afirmação cultural da condição negra na realidade brasileira. (PROENÇA FILHO, 2004, p. 176).

Segundo Proença Filho (2004), essa posição literária está relacionada com os movimentos de conscientização dos negros no Brasil no início deste século. “Pouco a pouco, escritores negros e descendentes de negros começam a manifestar em seus escritos o comprometimento com a etnia”. (PROENÇA FILHO, 2004, p. 176).

Nessa perspectiva, Proença Filho (2004) afirma que a literatura negra admite duas acepções:

Em sentido restrito, considera-se *negra* uma literatura feita por negros ou por descendentes assumidos de negros e, como tal, reveladora de visões de mundo, de ideologias e de modos de realização que, por força de condições atávicas, sociais, e históricas condicionadoras, caracteriza-se por certa especificidade, ligada a um intuito claro de singularidade cultural. *Latu sensu*, será negra a arte literária feita por quem quer que seja, desde que centrada em dimensões peculiares aos negros ou aos descendentes de negros. (PROENÇA FILHO, 2004, p. 18, grifos do autor).

Para Proença Filho (2004), a literatura negra no Brasil vincula-se ao significado restrito, quando surge de uma situação histórica de reivindicação pelos negros de determinados valores caracterizadores de uma identidade própria e também em sentido amplo, ao associar-se a movimentos de afirmação do negro, a partir da tomada de consciência de sua situação social.

## 2.2 CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

A discussão em torno da expressão literatura afro-brasileira vem surgindo com os debates entre autores, críticos e público leitor que procuram reconhecer as realizações e descobertas dos antigos e novos escritores negros e afrodescendentes. A denominação literatura afro-brasileira é polêmica, pois uma parte da crítica não a reconhece ou a denomina de literatura negra.

Para Bernd (1988), numa época em que existe o uso excessivo de rótulos é necessário discutir a questão da legitimidade da expressão literatura negra. O conceito de literatura negra não está ligado à cor da pele ou à temática do autor,

mas surge da evidência textual, cuja consistência é dada pelo surgimento de um *eu* enunciador que se assume como negro. Assumir essa condição e enunciar o discurso em primeira pessoa, parece ser o aporte maior trazido pela literatura negra, se constituindo como um dos seus marcadores estilísticos mais evidentes.

Em síntese: a presença de uma articulação entre textos, determinada por um certo modo negro de ver e de sentir o mundo, e a utilização de uma linguagem marcada, tanto no nível do vocabulário quanto no dos símbolos, pelo empenho de resgatar uma memória negra esquecida legitimam uma *escritura negra* vocacionada a proceder a desconstrução do mundo nomeado pelo branco e a erigir sua própria cosmogonia. Logo, uma literatura cujos valores fundadores repousam sobre a ruptura com contratos de fala e da escritura ditados pelo mundo branco e sobre a busca de novas formas de expressão dentro do contexto literário brasileiro. (BERND, 1988, p. 22).

Se a primeira vista a expressão “literatura negra” remete a um conceito etnocêntrico, Zilá Bernd (1988) afirma existir uma literatura negra que se diferencia das obras que apenas tematizam o negro pela apresentação de um eu enunciador que se quer negro.

A denominação literatura afro-brasileira, por sua vez indicaria um conjunto de produtos, de autoria afro-descendente, que tematizaria a negritude a partir de uma perspectiva interna e comprometida politicamente em recuperar e narrar à condição do negro no Brasil. (MACEDO, 2010, p. 279).

Segundo Duarte (2011), a literatura afro-brasileira existe e mantém permanente diálogo com a literatura brasileira, ela é contemporânea e realizada em grandes centros, bem como é encontrada nas literaturas regionais. “Essa literatura não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa.” (DUARTE, 2011, p. 376).

O autor também afirma que existem elementos que diferenciam e conferem especificidades à produção literária dos afrodescendentes no Brasil e que, descartados os fatores extraliterários, algumas constantes discursivas importantes têm sido utilizadas como critérios para configurar a literatura afro-brasileira: a temática, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público.

No que se refere à **temática**, em que o negro é o tema principal da literatura afro-brasileira, Duarte (2011) afirma que ela também pode contemplar o resgate da

história do povo negro na diáspora brasileira. Além da denúncia da escravidão e de suas consequências, a temática também abrange as tradições culturais e religiosas.

A temática afro-brasileira abarca ainda as tradições culturais ou religiosas transplantadas para o Novo Mundo, destacando a riqueza dos mitos, lendas e de todo um imaginário circunscrito quase sempre à oralidade. Autores como Mestre Didi, com seus *Contos crioulos da Bahia*, ou Mãe Beata de Yemonjá, com as narrativas presente em *Caroço de dendê* no recém-publicado *Histórias que minha avó contava*, figuram nesta linha de recuperação de uma multifacetada memória ancestral. Além disso, elementos rituais e religiosos são presença constante em inúmeros autores. (DUARTE, 2011, p. 386, grifos do autor).

Ainda segundo Duarte (2011), existe outra vertente dessa diversidade temática que se situa na história contemporânea e que traz o leitor para os dramas vividos na modernidade. É preciso salientar que a adoção da temática afro deve ser considerada em sua interação com outros fatores, como autoria e o ponto de vista. O tema negro não é obrigatório, porém pode estar presente na escrita de outros autores atraídos pela busca do exótico e da cor local, entre outros temas como: o subúrbio, a favela, a crítica ao preconceito e ao branqueamento, a marginalidade, a prisão.

O segundo critério, o da **autoria** é controverso, já que implica na consideração de alguns fatores: o biográfico e o fenotípico, e que, além da discussão sobre o que é ser negro no Brasil, discute-se também a literatura negra de autoria branca. “É preciso compreender a autoria não apenas como um dado exterior, mas como uma *constante discursiva* integrada à materialidade da construção literária.” (DUARTE, 2011, p. 388, grifos do autor).

Para Pereira (1995), o critério étnico, que vincula a obra à origem negra, e o critério temático, que identifica o conteúdo de procedência afro-brasileira, também são importantes nesta definição. O autor chama atenção para o fato de esses dois critérios parecerem pouco abrangentes, se for observado que na construção da formação literária brasileira muitos autores negros e mestiços escreviam de acordo com os padrões clássicos europeus. Em contrapartida, autores não negros escreviam temas de interesse dos afro-brasileiros.

A utilização sumária dos critérios étnico e temático para definir a Literatura Afro-brasileira impõe uma censura prévia aos autores negros e não negros. Julgamos que é preciso buscar um critério pluralista, estabelecido por uma orientação dialética, que possa demonstrar a Literatura Afro-brasileira como

uma das faces da Literatura Brasileira esta mesma devendo ser percebida como uma unidade constituída de diversidades. (PEREIRA, 1995, p. 1035).

Duarte (2011) também aponta para o fato de que existem autores que não reivindicam a condição de afrodescendentes e por isso surge a necessidade de evitar a redução sociológica e compreender essa autoria não apenas como um dado exterior, mas como condição de uma constante discursiva integrada à materialidade da construção literária.

Para ilustrar a questão da autoria, Duarte (2011) cita, como exemplo Machado de Assis. Cronista, crítico literário, poeta e ficcionista, em toda sua obra não faz nenhuma referência a favor da escravidão ou da inferioridade de negros e mestiços, longe disso, “O lugar de onde fala é o dos oprimidos, e este é um fator decisivo para incluir ao menos parte de sua obra no âmbito da afro-brasilidade.” (DUARTE, 2011, p. 391-392).

A autoria é um critério que está intimamente ligado ao **ponto de vista**, que é o terceiro critério que define a literatura afro-brasileira. Segundo Duarte (2011), ele se configura como um indicador preciso, não apenas da visão de mundo do autor, mas também do conjunto de valores morais e ideológicos que fundamentam as opções até vocabulares na representação.

Para Duarte (2011), o ponto de vista afro-brasileiro tem seu ponto culminante com a criação da série *Cadernos Negros* em 1978, pelo grupo paulista Quilombhoje, que é formado por escritores paulistas com objetivo de discutir e aprofundar a experiência dos escritores afro-brasileiros na literatura nacional. Este grupo procura incentivar e promover a difusão de conhecimentos e informações, e também desenvolver estudos, pesquisas e diagnósticos sobre a literatura e cultura negra.

A metáfora do renascimento remete à adoção de uma visão de mundo própria e distinta da do branco, a superação da cópia de modelos europeus e a assimilação cultural imposta como única via de expressão. Ao superar o discurso do colonizador em seus matizes passados e presentes, a perspectiva da afro-identificada configura-se enquanto *discurso da diferença* e atua como elo importante dessa cadeia discursiva. (DUARTE, 2011, p. 394, grifos do autor).

O quarto critério é a **linguagem**, a qual, segundo Duarte (2011), é um dos fatores instituintes da diferença cultural do texto literário. A literatura é definida pela construção discursiva marcada pela finalidade estética, além de expressar valores

éticos, culturais, políticos e ideológicos, porém há a necessidade de se ressaltar o trabalho com a linguagem sobre esses valores. Sendo assim, a linguagem é um dos critérios a serem analisados na produção literária afrodescendente. Duarte (2011) afirma que a afro-brasilidade torna-se visível a partir do vocabulário pertencente às práticas linguísticas oriundas da África e inseridas no processo transculturador em curso no Brasil.

Ou de uma discursividade que ressalta ritmos, entonações e, mesmo, toda uma semântica própria, empenhada muitas vezes num trabalho de resignificação que contraria sentidos hegemônicos na língua. Isto porque, bem o sabemos, não há linguagem inocente, nem signo sem ideologia. Termos como *negro*, *negra*, *crioulo* ou *mulata*, para ficarmos nos exemplos mais evidentes, circulam no Brasil carregados de sentidos pejorativos e tornam-se verdadeiros tabus linguísticos no âmbito da “cordialidade” que caracteriza o racismo à brasileira. (DUARTE, 2011, p. 394-395, grifos do autor).

O desafio maior dos critérios é a formação de um público específico, que se configura como o quinto critério, o **público leitor**, que é marcado por uma enorme diferença cultural e busca uma afirmação identitária. “No caso, o sujeito que escreve o faz não apenas com vistas a atingir um determinado segmento da população, mas o faz também a partir de uma compreensão do papel do escritor como porta-voz de uma comunidade” (DUARTE, 2011, p. 398). A proposta dessa nova literatura surge no cenário literário brasileiro e procura intervir num processo complexo e num campo adverso, onde encontra uma grande dificuldade de se implantar o hábito e o gosto pela leitura em crianças e jovens, num cenário marcado pelo domínio dos meios eletrônicos de comunicação.

É nesse contexto que se impõe a difícil tarefa de se levar ao público a literatura afro-brasileira. Segundo Duarte (2011), é preciso que o público leitor tome contato não apenas com a diversidade da literatura afrodescendente, mas também com os novos modelos identitários e também que essa literatura possa dialogar com o horizonte de expectativas do público leitor, combatendo o preconceito e inibindo a discriminação.

A busca do público leva à postura do grupo Quilombhoje, de São Paulo, de ir “onde o povo negro está”, vendendo os livros em eventos e outros circuitos alternativos de mercado editorial. E explica a multiplicação de sites e portais na Internet, nos quais o receptor encontra formas menos dispendiosas de fruir o prazer da leitura. Resta, então, trabalhar por uma crescente inclusão digital para que se concretize nessa estratégia a saída

frente às dificuldades existentes tanto no âmbito da produção editorial, quanto na rarefação de um mercado consumidor de reduzido poder aquisitivo. (DUARTE, 2011, p. 399, grifos do autor).

A partir dessas considerações acerca da literatura afro-brasileira, é necessário, para bem caracterizá-la, constatar a interação entre os critérios estabelecidos: temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público leitor, os quais precisam estar presentes e atuar como constantes discursivas nas produções literárias afro-brasileiras. As características mencionadas acima serão determinantes para a análise que se pretende com o romance *Ponciá Vicêncio*.

### 3 A ESCRITA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

#### 3.1 ASPECTOS BIOGRÁFICOS

Segundo Campos e Duarte (2011), Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 29 de novembro de 1946. Filha de Joana Josefina Evaristo Vitorino e Aníbal Vitorino. De origem humilde, Evaristo foi a primeira dos nove irmãos a obter um diploma superior. Durante sua adolescência, trabalhou como doméstica enquanto estudava no Instituto de Educação de Belo Horizonte, onde concluiu o Curso Normal em 1971.

Em 1973, mudou-se para o Rio de Janeiro em busca de uma formação acadêmica e de melhores condições de trabalho. Graduou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 1996, concluiu o mestrado em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro com a *dissertação Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Em 2011, concluiu doutorado em Literatura comparada na Universidade Federal Fluminense, com a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos*. Evaristo trabalhou como funcionária da Secretaria Municipal de Cultura na Divisão de Cultura Afro-Brasileira e também foi pesquisadora do Centro José Bonifácio de Documentação e Memória da Cultura Afro-Brasileira.

Como escritora, sua participação nos *Cadernos Negros* conta com mais de 15 publicações, alternando contos e poesias. As publicações nas coletâneas ajudaram-na a divulgar o seu trabalho como escritora dentro e fora do Brasil e a ter destaque em eventos literários no Brasil e em países como África do Sul, Áustria, Estados Unidos, Cuba, Porto Rico e Moçambique. A autora tem trabalhos publicados em vários livros e periódicos nacionais e estrangeiros.

Para Campos e Duarte (2011), as produções literárias de Conceição Evaristo se destacam pela forma poética com que a autora representa a crueldade do cotidiano dos excluídos. A mistura de violência e sentimento, de realismo cru e ternura mostra, o comprometimento e identificação de uma intelectual afrodescendente com os seus semelhantes, que estão sempre colocados à margem do desenvolvimento social e humano.



### 3.2 ASPECTOS LITERÁRIOS<sup>2</sup>

A obra de Conceição Evaristo é composta de poesia, romances e contos. Para Duarte (2011), sua produção literária é marcada pela diversidade temática. A presença da voz feminina na produção literária de Evaristo promove a denúncia e a reflexão, também exalta a memória como instrumento capaz de constatar os fatos pessoais ou histórico-sociais.

Conceição Evaristo tem nos *Cadernos Negros* o veículo de divulgação dos seus poemas e contos. Sua primeira publicação, nesses cadernos, no volume 13, foi em 1990, quando publicou seis poemas, dentre eles o mais conhecido, “Vozes-mulheres”, transcrito a seguir:

A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
De uma infância perdida.

A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.

A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome.

A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
Engasgadas nas gargantas.  
A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
o eco da vida-liberdade.

<sup>2</sup>A maior parte dessas informações foram baseadas no capítulo Conceição Evaristo, do livro **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica, 4 v. (Humanistas), de Eduardo de Assis Duarte, e no Portal LITERAFRO da Universidade Federal de Minas Gerais.

Os versos de Conceição Evaristo enfatizam a necessidade do eu poético falar por si e pelos seus irmãos. Segundo Duarte (2011), o sujeito da enunciação do poema de Evaristo é ao mesmo tempo individual e coletivo, como da grande maioria dos escritores afro-brasileiros, voltados para a construção de uma imagem do povo negro oposta aos estereótipos e dedicada em não deixar esquecido o passado de sofrimentos.

As produções de Conceição Evaristo nos *Cadernos Negros* seguem intercalando poesia e conto, os quais foram publicados com certa regularidade de 1990 a 2007 nos referidos cadernos. No período de 2008 a 2010, não houve nenhuma publicação. Somente em 2011 a escritora torna a publicar dois contos nos *Cadernos Negros*, foi o maior período sem publicação nos *Cadernos Negros*.

Em anexo (anexo A), elencam-se, em ordem cronológica, as publicações da autora.

Os contos e poemas de Conceição Evaristo mostram, desde as suas primeiras publicações, a forma poética com que a autora aborda a crueldade do cotidiano dos excluídos. Duarte (2011) afirma que fica evidente na produção literária da autora o compromisso e a identificação intelectual afrodescendente com os irmãos.

Seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio*, foi publicado em 2003 e narra a trajetória de uma descendente de escravos desde a infância nas terras dos antigos senhores, até maturidade numa favela. A autora entrelaça de forma descontínua vidas passadas e presentes, memória individual e coletiva, bem como a questão da própria identidade, cuja ausência de cidadania assinala a condição da maioria dos afro-brasileiros.

Em *Becos da memória*, romance publicado em 2006, a autora narra a partir do ponto de vista feminino e afrodescendente o sofrimento de favelados em vias de remoção, o que relembra sua própria vida, quando moradora de uma favela em Belo horizonte. *Beco da memória* também apresenta as esferas do individual e do coletivo que se entrelaçam. A personagem feminina em destaque nesta obra é Maria-Nova, símbolo de resistência e renascimento.

Enquanto os direitos de usucapião são ignorados, e serviços como água e luz são racionados para serem em seguida, cortados, emergem personagens como Maria-Nova, símbolo da resistência e renascimento. Sua figura aparentemente acanhada se engrandece no processo a que está

submetida à comunidade, sem, no entanto, heroizar-se a ponto de ofuscar os demais. (DUARTE, 2011, p. 211-212).

A protagonista do romance *Becos da memória*, Maria-Nova, é uma moça negra de 13 anos, muito curiosa e que gosta de ouvir as histórias dos mais velhos. Por essa razão, sabia o que acontecia com a maioria dos moradores da favela. Conhecia as dificuldades da favela e sabia que lá não era o melhor lugar para viver. A sua preocupação com a desocupação, conforme afirma Lima (2009), revela sua consciência humanitária. É através de personagens como Maria-Nova que ela denuncia as mazelas sociais que atingem os moradores das favelas.

Em 2008, a escritora publicou seu primeiro livro de poesia, *Poemas da recordação e outros movimentos*, pela editora Nadyala. Segundo Lima (2009), esta obra é composta por 44 poemas com temáticas diferentes, divididos em três epígrafes. A primeira diz respeito ao afrodescendente e à diáspora negra, com 38 poemas, a segunda epígrafe refere-se à temática lírico amorosa com 4 poemas e por último a temática da telúrica e metalinguística com 3 poemas, na qual ela se refere à terra natal. Neste livro, 31 são poemas migrados dos *Cadernos Negros*.

Em 2011, publica a antologia *Insubmissas lágrimas de mulheres*, composta por 13 contos, que tem como protagonistas mulheres negras. A narração dos contos revela vozes de mulheres que demonstram sua imensa capacidade de resistirem ao sofrimento e construírem modos de resistência. A obra de Conceição Evaristo vem ganhando destaque no meio acadêmico, no Brasil e em outros países, sendo objeto de teses, dissertações e seminários. Seus contos e poesias ampliam a temática sobre a mulher negra.

#### 4 APONTAMENTOS SOBRE O ROMANCE PONCIÁ VICÊNCIO

O romance *Ponciá Vicêncio* foi publicado pela primeira vez em 2003, pela editora Mazza de Belo Horizonte. O romance tem 128 páginas e está dividido em 46 capítulos. Os capítulos não possuem título ou numeração que os identifique. A divisão dos capítulos é marcada pela primeira letra inicial numa fonte maior e em negrito, diferente das utilizadas no decorrer dos capítulos do livro.

A divisão dos capítulos é baseada em fragmentos. Essa divisão no romance é uma marca importante na construção da narrativa, pois os fatos narrados não seguem uma ordem cronológica. A narradora vai criando uma trajetória para a personagem, interrompida e recuperada no diálogo entre o passado e o presente de sua protagonista.

Segundo Barbosa (EVARISTO, 2003, p. 8), na construção narrativa de *Ponciá Vicêncio*, “[...] a repetição intencional de certas frases tem efeito de ligar os fatos, de conectar passado e presente e de enfatizar certas facetas do mundo interior das personagens”. Essas são construídas por Evaristo com certa complexidade, já que a autora busca, para cada personagem, mais de uma faceta, ou busca causas sociais, históricas e emocionais para explicar os seus comportamentos.

Segundo Araújo (2007), *Ponciá Vicêncio* é um romance de denúncias sociais e raciais, pois nele a autora busca demonstrar a condição do negro pós-escravidão, a exploração na zona rural, o coronelismo, a migração do campo para cidade, o cotidiano dos excluídos nas favelas, a violência doméstica e social.

Ainda segundo Araújo (2007), a maior das críticas, talvez, seja a situação interrelacional, todas as formas de opressão contra o negro somado às condições de classe em que a raça é retratada no romance (pobres, favelados, excluídos) e também amplificadas pela questão de gênero, ou seja, a protagonista do romance é uma mulher negra e pobre.

O romance *Ponciá Vicêncio* é a produção de Conceição Evaristo mais comentada pela crítica literária. Para Lima (2009) por ser uma obra elaborada e que demonstra o domínio da técnica da narrativa contemporânea e pela sua linguagem poética, dialoga com outros clássicos da literatura brasileira. Em 2007, o romance foi lançado em New York, pela *Host Publications*, o que torna Conceição Evaristo a segunda escritora afro-brasileira a publicar uma obra em terras estrangeiras. A

primeira autora foi Carolina Maria de Jesus com o seu romance *Quarto de despejo: diário de uma favelada*<sup>3</sup>.

Segundo Campos e Duarte (2011), a obra *Ponciá Vicêncio* reúne condições para ser o primeiro *best-seller* do romance afro-brasileiro. Conceição Evaristo articula seus projetos literário e existencial a uma longa e persistente militância social, étnica e de gênero que se revela na sua atuação acadêmica e na sua criação poética e narrativa.

#### 4.1 A IDENTIDADE EM PONCIÁ VICÊNCIO

Necessário se faz, também, para a melhor compreensão da obra, uma discussão sobre a questão da identidade apresentada em *Ponciá Vicêncio*, tendo em vista a centralidade desta na obra.

Segundo Hall (2009, *apud* MACHADO, 2010, p. 19), a identidade tem a ver:

[...] com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões 'quem nós somos' ou 'de onde nós viemos', mas muito mais com as questões 'quem nós podemos nos tornar, 'como nós temos sido representados' e 'como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios'. (...) Elas surgem da narrativização do eu, mas a natureza necessariamente ficcional desse processo não diminui, de forma alguma, sua eficácia discursiva, material ou política.

Partindo desse prisma, observa-se que a abordagem utilizada por autores e escritores exerce muita importância no que se refere à imagem que será construída a respeito dos costumes, cultura e história de um povo, pois é por meio dela que os leitores terão acesso a esses dados e é com base nessa abordagem que o leitor poderá identificar-se, ou não, com a história apresentada.

Ponciá Vicêncio, sendo colocada como protagonista da história, leva a analisar a obra sob outro ponto de vista. A intenção da narradora aqui não é contar mais uma história de sofrimento e resignação, e sim criticar uma sociedade preconceituosa e opressora, para que as futuras gerações tenham outro ponto de

---

<sup>3</sup> **Quarto de despejo: diário de uma favelada**, de Carolina Maria de Jesus, foi o primeiro romance de uma escritora afro-brasileira a ser publicado fora do Brasil.

identificação na história dos afrodescendentes: a do sujeito que mesmo tendo sido colocado à margem, lutou e conseguiu mudar seu futuro.

Nos excertos a seguir, observa-se a forma como esse outro ponto de vista é apresentado e os elementos de ligação identitários presentes no romance:

O pouco tempo em que conviveu com o avô, bastou para que ela guardasse as marcas dele. [...] Nunca esqueceu que, naquela noite, ela, que pouco via o pai, pois ele trabalhava lá nas terras dos brancos escutou quando ele disse para a mãe que Vô Vicêncio deixava uma herança para a menina. (EVARISTO, 2003, p. 15).

Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado onde nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e depois a maior parte das colheitas ser entregue aos coronéis. (EVARISTO, 2003, p. 33).

Não muito longe dali estava montada uma exposição de arte popular [...] Luandi ouviu sobre a exposição de trabalhos de barro que iria ver, a saudade da mãe e da irmã que estava guardada em seu peito pulou [...] Luandi à medida que contemplava os objetos de seu passado presente, a vida da roça lhe aflorava em suas lembranças [...] Estava feliz também, porque na criação da mãe e da irmã estavam apontados os nomes delas como autoras. (EVARISTO, 2003, p. 105).

A papelada que faria dele soldado tinha chegado. Luandi recebeu os cumprimentos de Soldado Nestor, do outro soldado, o branco, do delegado e o abraço comovido da mãe. Tinha virado soldado. Ficou feliz. (EVARISTO, 2003, p. 119).

Pode-se observar, no primeiro excerto, que Ponciá vive relembando as marcas de seu passado. Contudo, o que chama a atenção é a questão da herança que fora deixada pelo avô para a menina. Tanto ela como o seu avô foram acumulando perdas ao longo de sua vida o que culminou no fato de que ambos acabaram por enlouquecer. A herança aqui pode ser entendida como o passado dos povos afrodescendentes que também foi marcado por lutas e derrotas, fazendo que a história desses povos fosse marcada pela opressão e sofrimento.

No segundo excerto, a autora apresenta a personagem incomodada com a vida a que estava submetida e decidida a mudar o seu futuro, assim como tem sido a história do povo afrodescendente.

No terceiro excerto, os trabalhos realizados com o barro por Ponciá e sua mãe são apresentados em uma mostra, não como simples objetos de uso diário, mas como verdadeiras obras de arte. Essa parte da cultura afrodescendente

presente na obra reforça os elementos de ligação identitária com os antepassados afrodescendentes e a valorização desta forma de cultura demonstra que sua luta não tem sido em vão.

E, no último excerto, Luandi consegue alcançar o seu maior sonho, evidenciando a importância da luta contra o racismo e o preconceito, para que fique como exemplo para novas gerações incentivando-as a não desistirem de seus objetivos.

O romance de Conceição Evaristo estabelece, dessa forma, uma relação dialógica com uma história que foi marcada por preconceitos, abusos e opressão e que estigmatizou toda uma raça, pois, além da crítica a essa sociedade opressora, que na obra está presente como um contraponto, que pode ressignificar a identidade afrodescendente para as futuras gerações.

## 4.2 O ENREDO

O primeiro romance de Conceição Evaristo, leva o mesmo nome de sua protagonista *Ponciá Vicêncio*. Na obra, capítulos narrando a vida de Ponciá e de seu irmão Luandi, são alternados e, por meio de *flashbacks*, o leitor é levado a um constante vai e vem da história, que mistura a infância com o tempo presente e vai moldando a personalidade das personagens.

A menina Ponciá vive com a mãe na Vila Vicêncio, enquanto seu pai e seu irmão passam longos tempos fora de casa trabalhando nas terras dos brancos. Assim como a vila, a família também leva o nome do proprietário das terras onde vivem. A infância da menina é marcada pelas atividades domésticas, pelo trabalho com o artesanato feito de barro, junto com a mãe, e pelas lendas e mitos: “[...] que menina que passasse por debaixo do arco-íris virava menino” (EVARISTO, 2003, p. 13).

A figura do Vô Vicêncio, que era velho e andava encurvado, com o braço cotó escondido para trás, também marcou a infância de Ponciá. A lembrança dele falando sozinho, rindo e chorando ao mesmo tempo permaneceu em seu inconsciente mesmo após a sua morte. Quando Ponciá começou a andar com o braço escondido

às costas e a mão fechada, como se fosse cotó, todos estranharam, menos o pai, que achou natural a “parecença” da menina com o pai dele.

Como o pai de Ponciá e seu irmão Luandi ficam longos períodos ausentes, a menina se torna cada vez mais próxima da figura materna, sempre presente em sua vida. A matriarca é a responsável pela administração e organização financeira da família. Foi dela a permissão para que Ponciá pudesse estudar com os missionários que chegaram à Vila Vicêncio. A mãe esperava que a vida da filha fosse diferente das outras mulheres e para isso ela precisava aprender a ler e escrever.

Com a morte do pai, Ponciá resolve sair do povoado de onde nascera e no qual estava cansada de trabalhar duro, de ver a terra dos negros coberta de plantações sendo cuidada pelas mulheres enquanto seus homens continuavam a trabalhar nas terras dos senhores. “Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer-se a todo o dia.” (EVARISTO, 2003, p. 33).

Acreditando que poderia ter um futuro melhor, ela parte para a cidade e logo se dá conta que havia deixado para trás todos os seus familiares e que agora estava só. Ao chegar não sabe bem ao certo o que fazer. Sem coragem de pedir ajuda, com fome e com frio, se abriga na frente da catedral e passa a primeira noite na cidade dormindo com mendigos. Na porta da catedral, ela pede por trabalho e consegue. Cheia de planos, sonha em juntar dinheiro para comprar uma casinha e nela viver com sua família.

A vida de Ponciá segue cheia de inquietações, enquanto trabalha para comprar seu barraco, ela espera por notícias da mãe e do irmão. Quando descobre que ambos também partiram do povoado, sofre, sentindo-se culpada pela separação dos familiares.

Após muitos anos de trabalho, Ponciá compra o seu barraco na periferia da cidade e retorna ao povoado com a esperança de encontrar os familiares ou ter alguma notícia sobre eles. Ao chegar à casinha de pau-a-pique de sua infância, a encontra vazia, mas cheia de lembranças do pai, da mãe, do irmão. A escultura que havia feito ainda menina, do homem-barro, também estava lá, escondida no velho baú.

Andando pela vila, Ponciá encontra-se com Nêngua Kainda que era respeitada por todos pois era ela quem fazia as garrafadas que ajudavam a curar os males que acometiam as pessoas, além de benzer tantos outros. Ponciá é advertida



por ela de que da herança do Vô Vicêncio não fugiria. A lembrança do avô rindo e chorando aparece vívida na memória de Ponciá. Ela lembra a história que o irmão contou sobre o braço cotó do Vô Vicêncio: ele havia sido escravo num engenho de açúcar, alguns de seus filhos haviam nascido livres, mas foram vendidos mesmo assim. Desesperado, o avô matou a mulher e tentou acabar com sua própria vida num momento de loucura.

Sem reencontrar a mãe e o irmão, Ponciá retorna à cidade e retoma os planos para o futuro. Então, conhece seu futuro marido, que trabalha em uma construção perto da casa onde Ponciá está trabalhando. Ela se sente apaixonada por ele e ele também está encantado por Ponciá, que trabalhava muito, tinha uma casinha no morro e era mais forte que ele, era uma mulher assim que ele precisava, apesar de seu comportamento estranho – às vezes, era como se o espírito dela fugisse e ficasse só o corpo.

Paralelamente a memória de Ponciá, surge no enredo à voz de Luandi, seu irmão. Este também sai do campo em busca da irmã e do sonho de trabalhar e ficar rico. Contudo, ao chegar à cidade, Luandi é preso por estar portando um canivete, mas nem raiva teve. Acabara de fazer uma descoberta que o deixara feliz: “A cidade era mesmo melhor do que na roça. Ali estava a prova. O soldado era negro! Ah! Que beleza! Na cidade, negro também mandava!” (EVARISTO, 2003 p. 70).

Luandi conseguiu emprego na própria delegacia, para fazer a limpeza do local e sonhava em ser como o soldado negro Nestor, mas para isso precisaria estudar muito. Com o passar do tempo, tal desejo só fazia aumentar em Luandi, pois ele havia conhecido Bilisa, uma prostituta pela qual acabou se apaixonando e estava fazendo planos para o futuro dos dois, e com o sumiço primeiramente da irmã e depois da mãe, cada vez mais, “[...] ele precisa ser soldado, para poder reencontrá-las e também para poder tirar Bilisa, da zona, para que ela enfeitasse a noite escura que ele trazia no peito” (EVARISTO, 2003, p. 101).

A mãe de Ponciá sentiu a falta dos filhos, mas não seguiu o mesmo caminho, pois ela acreditava que a vida tem tempo certo, assim como o fruto tem o momento exato para ser colhido, mas sabia, também, que “[...] por mais que relutasse, um dia a cidade também faria parte de sua travessia” (EVARISTO, 2003, p. 106). Maria Vicêncio passou, então, a cumprir uma espécie de rito preparatório pra uma viagem maior e ia aos poucos se afastando de casa e voltando. Em um de seus regressos, Nêngua Kainda lhe falou do filho que estivera na vila e deixara seu endereço,

contudo a Velha Ihe adverte que o fruto ainda estava verde e que não era o momento de rever os filhos.

Com a ausência dos familiares, as sucessivas perdas e constantes agressões do marido, Ponciá não queria mais nada com a vida que Ihe era apresentada (EVARISTO, 2003). Ela agora gastava a vida em recordar a vida e, às vezes, “era um recordar feito de tão dolorosas, de tão amargas lembranças, que lágrimas corriam sobre seu rosto” (EVARISTO, 2003 p. 92). As ausências, além de mais constantes, deixavam-na durante muito tempo com um olhar tão vazio, que levou seu marido, em um dia que chegou muito cansado, com “[...] a garganta ardendo por um gole de pinga e sem um centavo para realizar tão pouco desejo. Quando viu Ponciá parada, alheia, morta-viva, longe de tudo, precisou fazê-la doer também e começou a agredi-la” (EVARISTO, 2003, p. 96).

Apesar da agressão, a partir desse dia, ele passou a demonstrar sinais de arrependimento e a ser carinhoso com ela, pois naquele dia, viu tanto pavor e tanta dor nos olhos dela, enquanto limpava seu sangue, que percebeu que cada um tinha seus mistérios. Descobriu que apesar de estarem vivendo juntos há tanto tempo eram estranhos um para o outro e percebeu a solidão da companheira e a sua própria. “Foi então, que pode entender a saudade que ela dizia sentir do pai e do avô mortos, da mãe e do irmão desaparecidos” (EVARISTO, 2003, p. 109).

Luandi, prestes a realizar o grande sonho de se tornar soldado, havia falado com Bilisa que arrumaria uma casa e que, se ela quisesse, poderia ir com ele. A moça, no momento, nada respondeu, mas uma semana depois o surpreendeu ao abrir embrulhos com tecidos e linhas para preparar um lindo enxoval. Contudo, nenhum dos dois esperava a atitude do Negro Climério, o cafetão de Bilisa e de outras prostitutas, que ao descobrir os planos do casal mata Bilisa, aumentando a noite que havia no peito de Luandi.

Foi depois desse triste acontecimento com Luandi que a mãe chega à cidade. Graças a ela, e com a chegada da papelada que o faria soldado, Luandi tem forças para retomar a vida. Pegou então o dinheiro que tinha economizado por tanto tempo para comprar uma casa, pois agora precisava abrigar a mãe para que juntos pudessem procurar por Ponciá.

Depois de tanto tempo recolhida, enterrada morta-viva dentro de casa, Ponciá sorriu, gargalhou, chorou, assim como fazia o Vô Vicêncio quando já estava totalmente acometido pela loucura, dizendo que sabia o que deveria fazer: iria pegar

o trem e voltar para o seu povoado. Seu marido, sabendo que se tentasse detê-la seria pior, resolveu apenas segui-la para tentar trazê-la de volta. Ao chegar à estação, Ponciá foi imediatamente reconhecida por seu irmão que, em seu primeiro dia de trabalho como soldado, consegue reencontrá-la, e, juntos, vão ao encontro da mãe.

Durante a narrativa, as lembranças de Ponciá vão se intercalando com o presente e remetendo à história de homens e mulheres de origem afrodescendente que vivem como cidadãos eternamente escravizados e rotulados por um passado que os condenou de todas as formas possíveis.

### 4.3 ANÁLISE DAS CARACTERÍSTICAS AFRO-BRASILEIRAS

Para a análise das características afro-brasileiras no romance *Ponciá Vicêncio*, serão utilizados os pressupostos teóricos e críticos estabelecidos por Duarte (2011) e que já foram conceituados no segundo capítulo deste trabalho. A partir da conjunção dinâmica desses cinco elementos característicos – temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público, busca-se constatar na obra de Conceição Evaristo a existência de uma literatura afro-brasileira.

#### 4.3.1 Temática

Segundo Duarte (2011), a temática é o primeiro dos elementos a ser analisado. Ainda segundo este autor, trata-se de abordar não só o sujeito afrodescendente, no plano do indivíduo, mas como, segundo Ianni (1988, *apud* DUARTE, p. 385) “[...] universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura”. Por essa razão, o tema é um dos elementos característicos que ajudam a configurar o pertencimento de um texto a literatura afro-brasileira.

O romance *Ponciá Vicêncio* traz como tema a história de Ponciá, neta de um ex-escravo e de sua família no período logo após a abolição da escravatura, e que ainda permaneciam sob o jugo dos ex-proprietários, mas que sobreviviam apesar

dos desmandos, do trabalho pesado e mal remunerado, sempre com esperança de vida melhor.

Nos excertos abaixo, pode-se verificar a característica da temática, quando Conceição Evaristo, em sua obra, elege a figura do negro como protagonista do romance. Nesse aspecto, Ponciá Vicêncio é a representante de uma descendência que luta pela construção da identidade própria, da identidade de seu povo e de toda uma raça.

Filho de ex-escravos, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do sinhô-moço. Tinha a obrigação de brincar com ele. Era o cavalo onde o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. Tinham a mesma idade. Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto da boca. Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas. Naquela noite teve mais ódio ainda do pai. Se eram livres, por que continuavam ali? Por que, então tantos e tantas negras na senzala? (EVARISTO, 2003, p. 17).

Há tempos e tempos, quando os negros ganharam aquelas terras, pensaram que estivessem ganhando a verdadeira alforria. Engano. Em muito pouca coisa a situação de antes diferia da do momento. As terras tinham sido ofertas dos antigos donos, que alegavam ser presente de libertação. E, como tal, podiam ficar por ali, levantar moradias e plantar seus sustentos. Uma condição havia, entretanto, a de que continuassem todos a trabalhar nas terras do Coronel Vicêncio. (EVARISTO, 2003, p. 48).

Como se observa, o romance *Ponciá Vicêncio* narra o drama dos remanescentes de escravos que continuam sendo explorados, como o pai e o irmão de Ponciá. Apesar da liberdade dos negros com a alforria, o que se percebe é a discriminação e o preconceito com o negro pobre e analfabeto, subjugado pelo poder das elites dominantes, sem possibilidades de mudanças significativas e resignados a sua condição.

Além da temática do negro, das tradições culturais e religiosas, outra vertente dessa diversidade temática situa-se na “[...] história contemporânea e busca trazer ao leitor os dramas vividos na modernidade brasileira, com suas ilhas de prosperidade cercadas de miséria e exclusão”. (DUARTE, 2011 p. 387). Em consequência dessa miséria e exclusão, surgem nos textos de vários autores: o subúrbio, a favela, a crítica ao preconceito e ao branqueamento, a marginalidade, a prisão.

Na obra *Ponciá Vicêncio*, pode-se constatar a presença desses elementos em várias passagens, tais como segue:

Ela mesma havia chegado à cidade com o coração crente em sucessos e eis no que deu. Um barraco no moro. Um ir e vir para casa das patroas. Umas sobras de roupas e de alimento para compensar um salário que não bastava. Um homem sisudo, cansado, mais do que ela talvez, e desesperançado de outra forma de vida. Foi bom os filhos terem morrido. Nascer, crescer, viver para quê? No barraco ao lado Sá Ita com seus cinco filhos. O maior com sete anos, vivia sempre resfriado, tossindo. O médico falara que era mal de pulmão. Ela não quis, entretanto, internar o menino. Achava que ele ia morrer mesmo e que morresse então perto dela. Em frente morava Durvalina com os seus sete. Um dia, altas horas da noite, o mais novo de 4 meses, chorava, chorava. O pai, num excesso de raiva, bêbado, talvez, pegou o bebê e atirou pela janela. (EVARISTO, 2003, p. 83).

Importante ressaltar que, para Duarte (2011), a abordagem das condições passadas e presentes de existência dos afrodescendentes no Brasil não pode ser considerada obrigatória, uma vez que nada impede que a matéria ou o assunto negro estejam também presentes em escritas dos brancos.

#### 4.3.2 Autoria

Como já afirmado neste trabalho, a autoria é um dos elementos da literatura afro-brasileira mais controverso, pois implica a consideração de fatores biográficos ou fenótipos. Segundo Duarte (2011), com relação aos fatores biográficos é preciso analisar a expressão *afro-brasileira*, a fim de incluir todas as identidades provenientes do processo de miscigenação. Já em relação aos fatores fenótipos, corre-se o risco de limitar essa produção ao negrismo.

Neste sentido, é preciso sublinhar que o conceito de literatura negra não se atrela nem à cor da pele do autor nem apenas à temática por ele utilizada, mas emerge da própria evidência textual cuja consistência é dada pelo surgimento de um *eu* enunciador que se quer negro. Assumir a condição negra e enunciar o discurso em *primeira pessoa* parece ser o aporte maior trazido por essa literatura, constituindo-se em um de seus marcadores estilísticos mais expressivos. (BERND, 1988, p. 22, grifos do autor).

Em oposição ao negrismo, Duarte (2011) afirma que existem também autores que, apesar de afrodescendentes, não assumem esta condição e também não deixam evidências desta mesma condição em suas produções literárias. Isso implica na necessidade de evitar a redução sociológica. Para Duarte (2011), isso levaria a interpretar os textos a partir de fatores externos a ele, como a cor da pele ou a condição social do escritor.

Em *Ponciá Vicêncio*, a característica da autoria pode ser analisada pela própria biografia da autora que se revela, tal como a protagonista do romance, como uma herdeira de uma herança ancestral. “Conceição Evaristo dá prosseguimento a uma linhagem de escritores (as), que escrevem a partir de uma visão interna da história literária de produções mantidas na invisibilidade canônica oficial”. (DIONÍSIO, 2013 p. 80).

Na pesquisa biográfica de Conceição Evaristo, citada no capítulo anterior, verifica-se na sua trajetória pessoal e na sua produção literária, seu comprometimento nas discussões sobre a condição da mulher negra na sociedade brasileira. Nos excertos citados acima, pode-se fazer um paralelo entre Ponciá e Conceição, que define bem o critério da autoria, que não se atém à cor da pele do escritor, mas à enunciação do pertencimento.

Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado onde nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e depois a maior parte das colheitas ser entregue aos coronéis. (EVARISTO, 2003, p33).

Ainda com relação à autoria como característica da literatura afro-brasileira, sabe-se que esta “[...] decorre da relevância dada à interação entre *escritura* e *experiência*, que inúmeros autores fazem questão de destacar, seja enquanto compromisso identitário e comunitário, seja no tocante à sua própria formação de artista da palavra”. (DUARTE, 2011, p. 389, grifos do autor).

Crescera na pobreza. Os pais, os avós, os bisavós sempre trabalhando nas terras dos senhores. A cana, o café, toda a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos. Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida. Alguns saíam da roça, fugiam para a cidade, com a vida a se fartar de miséria, e com o coração a sobrar esperança. (EVARISTO 2003 p. 82).

Ainda segundo Duarte (2011), a escritura revela que vários autores têm a intenção de ser a voz representativa dos afrodescendentes. Já a inscrição da experiência é marcada por uma série de obstáculos de toda ordem e tem sido uma constante na produção literária afrodescendente de vários países. Conceição Evaristo é no momento quem mais explicita o veio documental em sua obra, pois ela reivindica para seus textos o estatuto de “escrevivência”, que tem na sua escrita um lugar de autoafirmação de suas próprias particularidades e especificidades como sujeito-mulher-negra.

#### 4.3.3 Ponto de Vista

Para Duarte (2011), o ponto de vista indica a visão de mundo do autor e também o conjunto de valores morais e ideológicos que fundamentam até mesmo as opções vocabulares presentes na representação. Também é necessária a responsabilidade de assumir uma perspectiva identificada com a história e com a cultura e, como consequência, toda uma problemática inerente à vida e às condições de existência deste segmento da população.

Nos excertos abaixo, pode-se verificar o critério do ponto de vista da autora sobre a condição do negro, pobre e analfabeto. O lugar de onde Conceição fala é dos oprimidos e discriminados por um sistema excludente. Ao dar voz à negra Ponciá, Conceição Evaristo demonstra seu testemunho de consciência, individual e coletiva, contra uma tripla exclusão: a racial, a de gênero e a de classe.

Pajem do sinhô-moço, escravo do sinhô-moço, tudo do sinhô-moço, nada do sinhô-moço. Um dia o coronelzinho, que já sabia ler, ficou curioso para ver se negro aprendia os sinais, as letras de branco e começou a ensinar o pai de Ponciá. O menino respondeu logo ao ensinamento do distraído mestre. Em pouco tempo reconhecia todas as letras. Quando sinhô-moço se certificou de que o negro aprendia, parou a brincadeira. Negro aprende sim! Mas o negro ia fazer com o saber do branco? O pai de Ponciá Vicêncio, em matéria de livros e letras, nunca foi além daquele saber. (EVARISTO, 2003, p. 18).

Bom mesmo que os filhos tivessem nascidos mortos, pois assim se livraram de viver uma mesma vida. De que valera o padecimento de todos aqueles que ficaram para trás? De que adiantara a coragem de muitos em escolher

a fuga, de viverem o ideal quilombola? De que valera o desespero de Vô Vicêncio? Ele, num ato de coragem-covardia, se rebelara, matara um dos seus e quisera se matar também. O que adiantara? A vida escrava continuava até os dias de hoje. (EVARISTO, 2003, p. 83).

Conceição Evaristo, também herdeira de uma linhagem memorialista feminina na literatura afrodescendente, vem ao encontro dos objetivos de discutir e aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura.

#### 4.3.4 A Linguagem

A linguagem é outro elemento importante na definição da literatura afro-brasileira. Segundo Duarte (2011), a literatura costuma ser definida como linguagem, como construção discursiva que está marcada pela finalidade estética. Nesse sentido, o romance *Ponciá Vicêncio* contempla uma linguagem concisa, feita de frases curtas, poucos adjetivos e conjunções aditivas, mas com a constante repetição de certas frases, como se observa no excerto abaixo:

Por aqueles tempos, pelo interior andavam uns missionários. Um dia a notícia correu. Eles iriam demorar por ali e montariam uma escola. Quem quisesse aprender a ler, poderia ir. Ponciá Vicêncio obteve o consentimento da mãe. Quem sabe a menina um dia sairia da roça e iria para a cidade. Então, carecia de aprender a ler. Na roça, não! Outro saber se fazia necessário. (EVARISTO, 2003, p. 27-28).

Barbosa (EVARISTO, 2003, p. 7) afirma, no prefácio de *Ponciá Vicêncio*, que esta repetição de frases é intencional, pois tem o efeito de ligar os fatos, conectar o passado e o presente e de destacar certas especificidades do mundo interior das personagens.

Um dia ela fez um homem baixinho, curvado, magrinho, graveto e com o bracinho cotoco pra trás. [...] Pegou o trabalho e examinou bem. Os olhos, a boca, as costas encurvadinhas, a magreza, o bracinho cotoco, tudo era igual, igualzinho. (EVARISTO, 2003, p. 21-22).

Neste excerto, pode-se perceber o relato simples e cotidiano com que a autora desenrola o romance. As frases curtas e repetidas em todo o texto remete a questão da oralidade. Ponciá, assim como a autora, retoma histórias ouvidas e ao



repeti-las reforça esta ideia de memória, do contar, do resgatar a linguagem clara e simples das pessoas mais humildes, desprovidas da educação formal.

A linguagem também é um dos fatores instituintes da diferença cultural dos textos literários. “A afro-brasilidade tornar-se-á visível também a partir de um vocabulário pertencente às práticas linguísticas oriundas de África e inseridas no processo transculturador em curso no Brasil”. (DUARTE, 2011, p. 393). Nesse sentido, observa-se o uso de termos próprios da linguagem dos afrodescendentes, tais como se observa nos excertos abaixo:

la buscar o barro na beira do rio e lá estava a cobra celeste bebendo água. Como passar o outro lado? Às vezes, ficava horas e horas na beira do rio esperando a colorida cobra do ar desaparecer. Qual nada! O arco-íris era teimoso! Dava uma aflição danada. Sabia que a mão estava esperando por ela. Juntava, então, a saias entre as pernas, tampando o sexo e, num pulo, com o coração aos saltos, passava por debaixo do ângoro. (EVARISTO, 2003, p. 13).

Ela nunca tivera nada de pele. Ao nascer, o primeiro banho tinha sido em sangue de tatu, o que deixou Ponciá imunizada para qualquer mau nesse sentido. Então, porque agora, quando já grande, o surgimento daquele incômodo que coçava tanto entre os dedos? (EVARISTO, 2003, p. 74).

Nos excertos acima, procurou-se, através da narrativa de Ponciá, elementos que caracterizam a linguagem, como o termo “ângoro”, “[...] palavra africana de origem banto que representa um inkice correspondente a Oxumaré na nação Ketu e no candomblé” (ARRUDA, 2008, p. 2). Conceição Evaristo baseia sua literatura nas histórias que ouvia da sua mãe e de outras pessoas. Assim como ela, Ponciá também traz na memória as histórias contadas pela mãe e pelas pessoas próximas, como no excerto acima, Ponciá se refere a um ritual de proteção, após seu nascimento.

Conforme afirma Duarte (2011), a assunção de uma linguagem descomprometida com os contratos de fala dominante ganha sentido político. Nesse sentido, em *Ponciá Vicêncio*, a linguagem representa a escrita que transita por diferentes espaços culturais. A linguagem poética do romance capta a ternura e a feição entre as personagens expressando a ânsia de definir sua identidade num ambiente marcado por diferenças econômicas, sociais e raciais.

#### 4.3.5 O Público

Este elemento aponta para a formação de público leitor afrodescendente como fator de intencionalidade próprio a essa literatura, o que a distingue de maneira geral do projeto que norteia a literatura brasileira. Conforme Duarte (2011, p. 397):

A constituição deste público específico, marcado pela diferença cultural e pelo anseio de afirmação identitária, compõe a faceta algo utópica do projeto literário afro-brasileiro, sobretudo a partir de Solano Trindade, Oliveira Silveira e dos autores contemporâneos.

Ainda segundo Duarte (2011), o sujeito que escreve o faz não apenas com vistas a atingir um determinado grupo de leitores, mas o faz também a partir de uma compreensão do papel do escritor como porta voz da comunidade.

Atualmente, os escritores afrodescendentes têm em alguns veículos de divulgação como, por exemplo, *Axé*, *Cadernos Negros* e *Quilombo de palavras*, o espaço para a divulgação de suas produções literárias que visam atingir um público alvo, cujas expectativas estes pretendem atender. Duarte (2011) afirma que o processo que se apresenta para o acesso a essa literatura encontra a dificuldade de implantar o gosto e o hábito da leitura, sobretudo em crianças e jovens, num cenário marcado pela predominância dos meios eletrônicos de comunicação, que são mais atrativos e mais acessíveis.

O grande desafio de se levar ao público a literatura afro-brasileira pode ser constatado na grande procura da produção literária de Conceição Evaristo. O romance *Ponciá Vicêncio* foi muito bem elogiado e recomendado pela crítica literária, sendo que o mesmo superou as expectativas de público leitor e atualmente é objeto de muitas produções acadêmicas.

O público leitor de *Ponciá Vicêncio*, ou de outras obras de Conceição Evaristo, é constituído por pessoas da comunidade afrodescendente, da comunidade acadêmica e também por leitores comuns e intelectuais pertencente a outros segmentos da população, que buscam uma literatura afro-brasileira, que até então não era alvo do mercado editorial.

Percebe-se que a partir da análise dos critérios da temática, da autoria, do ponto de vista, da linguagem e do público leitor do romance *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo, pode ser atribuído a esta obra o título de literatura afro-brasileira.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme analisou-se no decorrer deste trabalho, pode-se afirmar que o romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, estabelece importantes relações com a discussão sobre a produção literária dos autores afrodescendentes. As noções de literatura negra ou de literatura afro-brasileira são amplamente discutidas no Brasil sem, no entanto, um consenso comum. Foi a partir dessa discussão sobre qual denominação é a mais adequada, que verificou-se a existência de uma literatura que busca resgatar a produção literária do afrodescendente, que durante muito tempo foi considerada inferior, tanto no Brasil quanto em outros países onde o escritor negro foi marginalizado.

Para se alcançar o objetivo desta pesquisa, foram traçadas algumas considerações sobre os conceitos de representação e identidade, pois para o embasamento da discussão proposta para a análise do romance *Ponciá Vicêncio*, as suas especificidades são de suma importância.

Na sequência, realizou-se a análise das características elencadas por Duarte (2011), para determinar o pertencimento de uma determinada obra a categoria de literatura afro-brasileira: a temática, que é determinada pelo negro como tema principal da literatura negra; a autoria, que remete à reflexão da escrita proveniente de autores afrodescendentes; o ponto de vista, que determina que é necessária a visão de mundo identificada à história e à cultura inerente à vida desse importante segmento da população; a linguagem, constituída de uma discursividade específica, marcada pelo uso de expressões de ritmos, significados e vocabulário pertencente às práticas linguísticas de origem africana; e, por último, a formação do público leitor afrodescendente como fator de intencionalidade próprio a essa literatura.

A partir da análise dessas características, verificou-se que *Ponciá Vicêncio* dialoga com a proposta de literatura afro-brasileira, que busca uma distinção da literatura brasileira por entender que a produção literária afrodescendente necessita do seu lugar de destaque na produção literária nacional.

As discussões sobre a utilização do termo afro-brasileira, defendida por Eduardo de Assis Duarte, e utilizadas para a análise do romance *Ponciá Vicêncio*, procuram explicar a importância que há na vinculação dessa literatura à literatura

brasileira em geral, tanto para questionar a sua homogeneidade, quanto para evitar uma distinção da literatura negra no Brasil.

Também se pôde verificar que a literatura afro-brasileira, como conceito em construção, busca sua consolidação acadêmica enquanto campo específico de produção literária com ênfase nos autores historicamente comprometidos, que produzem uma literatura engajada com o movimento negro contemporâneo e que produzem uma escrita do negro, pelo negro, para o negro e seus descendentes.

Tendo em vista a análise do romance *Ponciá Vicêncio*, apresentou-se, ainda, um breve relato dos aspectos biográficos da autora Conceição Evaristo, sua trajetória de vida pessoal e acadêmica, bem como o levantamento da sua produção literária, marcada por sua condição de mulher negra na sociedade brasileira, e pôde-se verificar que sua obra está diretamente ligada ao movimento negro e a sua militância. Nela está presente, além dos elementos característicos da literatura afro-brasileira elencados por Duarte (2011), também o seu ponto de vista na luta coletiva pela conquista dos direitos dos negros e de seu lugar na história.

Por fim, pode-se afirmar que *Ponciá Vicêncio* retoma passagens da história afro-brasileira construindo imagens que denunciam o retrato do negro ainda como escravo, apesar de já serem livres há tanto tempo e, por meio de sua obra, a autora faz uma severa crítica à sociedade que fecha seus olhos aos problemas sociais e continua mantendo-os a margem desta.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Flávia S. **Uma escrita em dupla face: a mulher negra bem Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo.** 2007. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&c\\_o\\_obra=115732](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&c_o_obra=115732)> . Acesso em 20 nov. 2014.

ARRUDA, Aline A. Aspectos da memória em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo. **XI Congresso internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências.** São Paulo, 2008. Disponível em: <[http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/078/ALINE\\_ARRUDA.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/078/ALINE_ARRUDA.pdf)>. Acesso em 14 jul. 2014.

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BROOKSHAW, David. **Raça & cor: na literatura brasileira.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

CAMPOS, Maria Consuelo C. DUARTE, Eduardo de A. Conceição Evaristo. In: DUARTE, Eduardo de A. **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica.** 4 v. (Humanistas). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 207-226.

DIONÍSIO, Dejair. **Ancestralidade banto na literatura afro-brasileira: reflexões sobre o romance “Ponciá Vicêncio”, de Conceição Evaristo.** Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

DUARTE, Eduardo de A. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: \_\_\_\_\_ (org). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica.** Volume 2: Consolidação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

\_\_\_\_\_. LOPES, Elisângela. **Conceição Evaristo: literatura e identidade. LITERAFRO.** Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/data1/autores/43/conceicaocritica01.pdf>> Acesso em 14 jul. 2014.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio.** Belo Horizonte: Mazza, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz T. HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p.103-133.

LIMA, Omar da S. **O comprometimento etnográfico afro-descendente das escritoras negras Conceição Evaristo & Geni Guimarães.** 2009. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/4137>> Acesso em 20 nov. 2014.

MACEDO, Tania. O ensino das literaturas africanas de língua portuguesa no Brasil: algumas questões. In: SECCO, Carmen T. SALGADO, Maria T. Jorge, Silvio R. **África, escritas literárias**: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Angola: UEA, 2010. p.277-284.

MACHADO, Bárbara A. **A literatura negra de Conceição Evaristo**: construindo a identidade diaspórica a partir dos vestígios da memória. 2010. Disponível em: <[http://www.academia.edu/4736484/\\_monografia\\_A\\_literatura\\_negra\\_de\\_Concei%C3%A7%C3%A3o\\_Evaristo\\_Construindo\\_a\\_identidade\\_diasp%C3%B3rica\\_a\\_partir\\_dos\\_vest%C3%ADgios\\_da\\_mem%C3%B3ria](http://www.academia.edu/4736484/_monografia_A_literatura_negra_de_Concei%C3%A7%C3%A3o_Evaristo_Construindo_a_identidade_diasp%C3%B3rica_a_partir_dos_vest%C3%ADgios_da_mem%C3%B3ria)> Acesso em 29 nov. 2014.

PEREIRA, Edimilson de A. Panorama da literatura afro-brasileira. In: **Callaloo**, vol. 18, nº 4, Literatura Afro-brasileira: um número especial (autumn, 1995), p. 1035-1040. Disponível em:< [www.jstor.org/stable/3298939](http://www.jstor.org/stable/3298939) >. Acesso em 11 nov. 2014.

PROENÇA FILHO, Domício. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000100017](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100017) > Acesso em 28 nov. 2014.

SILVA, Tomaz T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz T. HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 7-72.

ANEXOS



## ANEXO A - OBRAS E PRODUÇÕES DE CONCEIÇÃO EVARISTO EM ORDEM CRONOLÓGICA

### A) Obras Individuais

- *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003. (romance)
- *Becos da Memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006. 2. Ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2013. (Romance)
- *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011. (Contos)

### B) Tradução

- *Ponciá Vicêncio*. Trad. Paloma Martinez Cruz. Austin – TX: Host Publications, 2007<sup>4</sup>.

### C) Antologias

- *Cadernos Negros 13*. Org. Quilombhoje. São Paulo: Ed. dos Autores, 1990.
- *Cadernos Negros 14*. Org. Quilombhoje. São Paulo: Ed. dos Autores, 1991.
- *Vozes mulheres – mural de poesia*. Niterói/R: Edição coletiva, 1991.
- *Cadernos Negros 15*. Org. Quilombhoje. São Paulo: Ed. dos Autores, 1992.
- *Cadernos Negros 16*. Org. Quilombhoje. São Paulo: Ed. dos Autores, 1993.
- *Gergentart*. (org. Moema Parente Augel). Berlin: São Paulo: Edition Diá, 1993.
- *Cadernos Negros 18*. Org. Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje: Ed. Anita, 1995.
- *Moving Beyond boundaries. International Dimension of Black Women's Writing*. Edited by Carole Boyce Davies and Molaria Ogundipe-Leslie. London : Pluto-Press, 1995.
- *Finally US. Contemporary Black Brazilian Women Writers*. Edited by Miriam Alves and Carolyn R. Durham. Edição bilingue português/inglês. Colorado: Three Continent Press, 1995.
- *Callaloo, vol. 18, number 4*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1995.
- *Cadernos Negros 19*. Org. Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje: Ed. Anita, 1996.

---

<sup>4</sup> Traduzido para a Língua Inglesa.

- *Cadernos Negros 21*. Org. Esmeralda Ribeiro, Marcio Barbosa e Sônia Fátima da Conceição. São Paulo: Quilombhoje: Editora Anita, 1998.
- *Cadernos Negros: os melhores contos*. São Paulo: Quilombhoje, 1998.
- *Cadernos Negros: os melhores poemas*. São Paulo: Quilombhoje, 1998
- *Cadernos Negros 22*. Org. Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje: Editora Okan, 1999.
- *Cadernos Negros 25*. Org. Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2002.
- *Fourteen Female Voices from Brazil*. Austin-Texas: Host Publications, Inc., 2002.
- *Cadernos Negros 26*. Org. Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2003.
- *Abdias Nascimento, 90 anos de memória viva*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, ed. Bilingue, 2004.
- *Women righting: afro-brazilian Women's short fiction*. Edited by Mirian Alves and Maria Helena Lima. London: 2005.
- *Cadernos Negros 28*. Org. Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2005.
- *Brasil e África – como se o mar fosse mentira*. Org. de Rita Chaves, Carmen Secco e Tânia Macedo. São Paulo-Luanda: UNESP/CAXINDE, 2006.
- *A Section from Poncià Vicêncio*. In *The Dirty Goat*, Autins, Texas, Host Publications, 2006.
- *Cadernos Negros 30*. Org. Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2007.
- Revista *Callaloo* Colorado, USA: Three Continetal Press, 2007.
- *Textos poéticos Africanos de Língua Portuguesa e Afro Brasileiros*. Org. Elisalva Madruga Dantas et all. João Pessoa: Idéia, 2007.
- *Cadernos Negros: Três Décadas*. São Paulo: Quilombhoje: Secretaria Especial de Promoções da Igualdade Racial, 2008.
- *Cadernos Negros/Black Notebooks – Contemporary Afro-Brazilian Literary Movement* – Edited by Niyi Afolabi, Márcio Barbosa & Esmeralda Ribeiro, Asmara, Eriteia, Africa Word Press, 2008.
- *Questão de pele*. Org. Luiz Ruffato. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

- *Contos do mar sem fim: Angola, Brasil, Guiné-Bissau*. Org. Eduardo de Assis Duarte (Brasil). Rio de Janeiro: Pallas; Guiné-Bissau: Ku Si Mon; Angola: Chá de Caxinde, 2010.

- *Cadernos Negros 34*. Org. Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2011.

Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica. Org. Eduardo de Assis Duarte. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. Vol. 2, Consolidação